

A transformação da informação em notícia: o dia em que o Brasil deixou cair a taça¹

Vera Lucia REBONATTO²
Sônia Regina Schena BERTOL³
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS

Resumo

Há um ano a seleção brasileira de futebol via ficar distante o sonho de erguer a sexta taça de campeã. Em jogo contra a seleção da Alemanha, os brasileiros foram derrotados com sete gols, e marcaram apenas um. Este foi o dia em que o Brasil deixou cair a taça e viveu a maior tragédia do futebol – na visão da revista mais influente do país, a Revista Veja. Sob os aspectos da Teoria da Mídia e do conceito de espetáculo, a transformação da informação em notícia da derrota brasileira sofreu a produção de espetáculos, pois utilizou elementos da arte dramatizada. O dia em que Brasil deixou cair a taça foi midiaticizado e espetacularizado pelo veículo na intenção de atrair leitores e induzi-los à culpa pela derrota.

Palavras-chave: noticiabilidade; midiaticização; espetáculo; espetacularização.

1 Preâmbulo

O dia 8 de julho de 2014 foi para o Brasil marcado por uma derrota esportiva. Na visão da mais influente revista do país, a Veja, o dia foi uma tragédia, pois a seleção brasileira sofreu inacreditáveis sete gols da seleção alemã na Copa do Mundo de futebol. A maneira como o veículo de comunicação noticiou a derrota brasileira na copa do mundo de futebol é estudada nesta pesquisa. Analisar o nível de espetacularização presente no processo de transformação da informação em notícia é objeto deste estudo que utiliza ideias e argumentos dos conceitos de noticiabilidade, espetacularização e midiaticização.

1.1 A arte de contar histórias

O jornalismo configura-se como uma arte de contar histórias em que os contadores utilizam o poder de persuasão, aliado a condutas éticas e valores atribuídos a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista (MTE: 17447/RS) graduada pela Universidade de Passo Fundo (UPF) em janeiro de 2014. E-mail: verarebonatto@hotmail.com

³ Orientadora. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: sobertol@upf.br

acontecimentos, para contar fatos e transmitir informações. Como quarto poder, cabe ao jornalismo manter um sistema de vigilância dos poderes e informar sobre os acontecimentos e questões importantes em uma sociedade, independente da ligação com agentes de poder.

Segundo Deodoro José Moreira, as informações quando configurada em notícias percorrem um longo caminho até o leitor e nunca são o fato como ele realmente é. Para ele, a notícia é um evento interpretado porque os jornais mais constroem os acontecimentos que os retratam (MOREIRA, [2004?]). Nessa mesma linha Ciro Marcondes Filho propõe que notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os apelos estéticos, emocionais e sensacionais (Ibid).

Ao transformar um fato em notícia, os veículos de comunicação ditam o que deve ser de conhecimento da população. As regras que atribuem para isso são conhecidas como valores notícia em que as informações são avaliadas sobre aspectos político-editoriais, fontes e de público.

Os valores-notícia se classificam em critérios relativos ao conteúdo (importância e interesse das notícias), critérios relativos ao produto (que têm a ver com a disponibilidade das informações e com as características do produto informativo), critérios relativos ao meio, ao público e à concorrência (SOUSA, 2001).

Contraopondo, Carlos Eduardo Franciscato (FRANCISCATO, 2003) entende que os valores notícia são recursos redutores de classificação da realidade, pois mostram uma realidade fragmentada reduzida pelo jornalista à seleção e investimento de importância dos fatos. Para esse autor a novidade é adotada como um recurso que reconhece a noticiabilidade de um fato porque garante uma ligação desse fato com o presente e que as notícias são consequência do fluxo das coisas que ocorrem no mundo.

1. 2 A ação da mídia

A forma que uma notícia é constituída pode revelar a importância que determinadas informações têm nos veículos de comunicação. As tratativas por que passam os conteúdos noticiosos recebem mais ou menos atenção de acordo com os valores atribuídos e as intenções de cada grupo jornalístico. De informação para notícia, os acontecimentos recebem cargas daquilo que podemos chamar de midiatização.

Esse termo pode ser compreendido sob dois aspectos: um refere-se à sociedade e seus processos onde a mídia ocupa o lugar de espectadora; e o outro se refere à própria mídia e aos processos de comunicação ou midiáticos, sendo “a ação da própria mídia sobre a realidade, transformando-a em produtos com sentido de realidade” (KLEIN, 2013, p. 38) porque passa a ser representada e não apresentada ao consumidor de notícias. Em resumo, midiaticização quer dizer a ação da mídia.

O conjunto de imagens e informações textuais referentes à derrota brasileira no mundial de futebol em 2014 foi utilizado para representar uma realidade e induzir o leitor a formar uma opinião apresentada subjetivamente pela Revista Veja. Pois, a midiaticização é considerada, também, como sendo o resultado de imagens e operações linguísticas, indissociáveis uma da outra e que os fatos são uma coisa, opiniões e interpretações da mídia outra (Viseu Verón 1997 apud KLEIN, 2013, p. 39).

De acordo com Fausto Neto, “[...] o acontecimento midiaticizado não depende mais tanto das fontes e de outras transações discursivas, mas sim, e especialmente, do investimento do trabalho de enunciação, que se transforma num acontecimento” (Ibid, p. 40).

A Teoria da Midiaticização é útil para interpretar a transformação da informação em notícia, processo que resulta em palco, pois, como define Gomes, as pessoas não definem mais a vida separada do palco “[...] palco e plateia juntaram-se num só conjunto e que tudo passa a ser palco, do qual todos participam” (GOMES apud KLEIN, 2013, p. 37).

1.3 Sociedade e Jornalismo do espetáculo: o palco dos debates

Antigamente locais de encontro, como praças e igrejas, eram pontos para discussão de questões de interesse público. Hoje a mídia configura-se como um palco de debates, propondo e discutindo aquilo que considera importante para as comunidades. A metodologia empregada pela imprensa em geral faz pensar que a sociedade vive uma época de hiper espetáculos, já que emissor de informação também é colocado como notícia, que são diversos os apelativos utilizados para conquistar e convencer o público, e que cada vez mais os sujeitos são alienados.

O teórico Guy Debord diz que o espetáculo tem uma raiz fixada na economia. Para o autor toda a vida em sociedade onde predomina as condições de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos porque “tudo o que era diretamente vivido se esvai

na fumaça da representação” (DEBORD, 1997, p. 8). Considerado sob o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa, o espetáculo está longe da neutralidade, pois quem o faz defende interesses do veículo em que atua.

O espetáculo pode ser entendido como parte integrante da sociedade capitalista porque disputa a atenção do público em meio à concorrência de informações de outros veículos e informações que circulam na sociedade. Por isso, “o espetáculo na sociedade contemporânea corresponde a uma fabricação concreta de alienação. A expansão econômica é, sobretudo, a expansão dessa produção industrial específica” (DEBORD, 1997, p.24).

Essa alienação é desenvolvida por meio da teatralização, ou espetacularização, de acontecimentos tratados pela mídia em que são utilizados elementos que compõe a arte dramática, como a repetição constante de imagens e informações para a captura da atenção pelo arrebatamento de sentidos (SOUSA, D., 2013). A existência de “um texto dramático especialmente carregado de situações conflitantes transponível por vias visuais e sonoras de forma a tornar-se “espetáculo” e produzir efeitos sobre o público” é outro elemento da espetacularização (STALONNI, 2003, p. 48 apud SOUZA, 2013, p. 31).

Embora apelativa, a espetacularização difere do conceito de sensacionalismo. O sensacionalismo é a “[...] exploração do fascínio pelo extraordinário, pelo desvio, pela aberração, pela aventura, que é suposto existir apenas na classe baixa” (PEDROSO, 2001, p. 52, apud FRANCISCATO; GÓES, 2012, p. 293). O sensacionalismo explora o interesse humano, a simplificação, a deformação, a banalização da violência, da sexualidade e do consumo. Explora a ridicularização das pessoas humildes, o mau gosto e a invasão de privacidade (Ibid).

2 O dia em que o Brasil deixou cair a taça

Sob o aspecto da revista mais influente do país, a *Veja* (em circulação desde 1968), a derrota brasileira no mundial de futebol em 2014 foi uma tragédia. Análises de páginas publicadas na edição 2382 de 16 de julho de 2014, apontam para o resultado de imagens e operações linguísticas do dia que o Brasil deixou cair a taça: a espetacularização da notícia.

A combinação de textos e imagens insistem que a partida disputada pela seleção brasileira contra a seleção alemã, em 8 de junho, é para ser esquecida, mas ficará para sempre na história do futebol brasileiro e mundial. O Brasil perdeu por 7 a 1 da Alemanha

no estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Na ótica da revista, nunca uma seleção perdeu tanto em tão pouco tempo.

O poder de persuasão do impresso está consolidado pela história de anos, abordagem de temas polêmicos e amplas reportagens. Não bastasse isso, a Veja utilizou-se de elementos da arte teatralizada ao ditar o que deveria ser de conhecimento da população no que se refere à tragédia que foi a participação do time brasileiro na Copa do Mundo.

Moreira ([2004?]) já dizia que os jornais mais constroem os acontecimentos que os retratam. Isso vale para as revistas, já que também se utilizam de valores notícia para pesar as informações e transformar em mercadoria. Assim, ao longo de seis páginas internas, a Veja mostrou uma realidade fragmentada, pois as informações foram reduzidas pelo veículo à seleção e investimento de importância dos fatos.

A derrota da seleção brasileira recebeu cargas de midiaticização, pois é perceptível que o veículo agiu sobre as informações da realidade de modo a induzir os leitores de que a perda é uma vergonha e responsabilidade dos comandantes do time.

Com a utilização de seis fotos e textos em dez colunas dispostos em diagramação bem elaborada, a revista consegue atrair os leitores. Futebol é uma temática pertencente à editoria de Esportes que por si só já tem adeptos e consegue atenção, mas o investimento aplicado à pauta é ainda maior.

A reportagem publicada na edição é diagramada a partir da página 65 e intitulada de *Um pesadelo para todo o sempre*. Em duas páginas são publicados uma fotografia e apenas uma coluna de texto. A imagem leva ainda a legenda: *O HORROR, O HORROR Em meia hora, A Alemanha fez cinco gols – faria mais dois – e cobriu o time o e país de vergonha*.

Nesses três itens é possível identificar elementos da arte teatralizada. Primeiro com a fotografia que é a mais chamativa das páginas, já que ocupa quase as duas, e tem no primeiro plano as redes da goleira, em segundo plano um jogador próximo das redes com as mãos no rosto (chorando) e ao fundo o goleiro e jogadores desnorreados e um jogador ao chão desesperado. O título resume o acontecimento em *pesadelo* e determina que nunca mais será superado ao utilizar a expressão *para todo o sempre*. Já a legenda reforça o que título e fotografia querem comunicar, que a partida foi um horror, pois palavras estão grafadas em caixa alta.

Além disso, Veja faz questão de insistir que o time e o país foram cobertos de vergonha. Menciona isso na legenda, no parágrafo de abertura da reportagem (quando

escreve que *o futebol brasileiro não poderá esquecer o vexame de 8 de julho de 2014*), e no resto da coluna (ao referir-se ao leitor como *coberto de vergonha e perplexidade*).

O texto da reportagem apresenta placares de jogos para mostrar as diferenças de gols de times em partidas de mundiais de futebol. Nas páginas 66 e 67, o veículo afirma que *esse rápido retrospecto dá uma primeira ideia do que significou, em termos numéricos, a debacle da seleção brasileira diante da Alemanha por 7 x 1 no Mineirão, em Belo Horizonte*. Ou seja, o leitor é induzido a pensar que o acontecimento é bem mais trágico do que aquilo que revista apresenta. De novo, Veja espetaculariza o acontecimento com *primeira ideia, debacle* (que quer dizer derrota) e com o placar *7x1*.

A diagramação das duas páginas apresentam três fotografias e quatro parágrafos de texto em três colunas. As fotos são as que mais comunicam a possível intencionalidade do veículo: de que os jogadores estão desolados e torcedores perplexos por culpa dos comandantes.

A imagem mais visível (no canto superior esquerdo) é de dois jogadores, um abraçando o outro, ambos chorando. Com a legenda *AGORA NÃO ADIANTA CHORAR Consumada a tragédia, David Luiz e Thiago Silva tentam se consolar* a revista comunica ser tarde para fazer alguma coisa e que o lamento não vai corrigir o placar e as falhas que levaram à derrota.

Na segunda imagem (no canto superior direito), a do técnico falando e mostrando sete dedos, combinada a legenda *7x1 Para Felipão, foi apenas “uma pane geral” Ele aprovou o próprio trabalho*, Veja parece ironizar e criticar o trabalho do técnico. A constatação se dá pela utilização da fotografia; pelo enquadramento em que aparece também um jogador adversário de costas para Felipão; pelo recorte de diagramação feito em torno dos dedos de Felipão; e pelo placar em negrito e aspas utilizadas na legenda.

A terceira imagem (na parte inferior das páginas) é de duas torcedoras, uma está com a cabeça baixa com uma máscara do jogador Neymar frente o rosto a outra está com a bandeira brasileira nos ombros, com olhos inchados pelo choro e com a mão na face. É legenda da fotografia: *ESTADO DE CHOQUE No estádio e no Brasil inteiro, o pismo e a incredulidade da torcida*. Aqui se quer comunicar duas coisas. A primeira é de que os brasileiros, representados pelas duas torcedoras, estão espantados com o acontecido. A segunda refere-se a confiança depositada em Neymar, ídolo que ficou fora da partida.

No texto Veja chama de *bel-prazer* o placar dos alemães, resultado de *um apagão coletivo dos canarinhos*. Diz que *aberta a porteira, o pentacampeão começou a sucumbir*.

Ficou desconcertado, sem entender o que ocorria no próprio quintal, ao se referir as bolas que entraram na goleira brasileira e a um time sem concerto, sem chantes de reversão.

A Revista Veja utiliza termos e expressões que configuram espetacularização. São eles: *estado de choque, respirar o ar fresco da tarde amena do inverno, e andando atordoados* (para se referir a torcedores); *cores manchadas de lágrimas* (a tinta verde e amarela no rosto dos torcedores), *apavorante sequência* (a de gols), *interminável massacre* (a partida).

Fica subentendida a culpa à equipe técnica, pois Veja diz que a derrota é *construída tanto pela paralisia brasileira quanto pela competência técnica e pela organização do time alemão.*

Nas outras duas páginas dedicadas ao assunto, páginas 68 e 69 da edição 2382 de 16 de julho de 2014, são publicadas duas fotografias na parte superior das páginas e seis colunas de texto. A imagem em destaque é um pai beijando o filho. O menino, vestido de verde e amarelo com boné do mascote da copa e o rosto manchado de verde e amarelo, está em prantos. A outra imagem, ao lado da primeira, é da seleção brasileira de 1982. O enquadramento mostra dois jogadores caminhando de cabeça baixa depois de terem sido derrotados. A legenda é a mesma para as duas fotos: *ADEUS ÀS ILUSÕES Depois da derrota da seleção de Sócrates e Éder em 1982, sofremos mais doze anos. Se a nova lição não for assimilada, o sonho das crianças que queriam ver o time campeão também pode demorar.*

É forte o apelo emocional dessas páginas. A imagem, um enquadramento dentre tantos que poderiam ser feitos da torcida, revela a carga de sentimentos de um menino. Publicar a imagem de uma criança é sempre atrativo, mas é ainda mais quando esta chora. A imagem parece ganhar movimento nas páginas do veículo e convencem o leitor do momento difícil, principalmente para as crianças que ainda não viram a seleção erguer a taça em Copa do Mundo. A última, quando a seleção ficou pentacampeã, foi há 12 anos, com a seleção de 2002 na Copa do Mundo realizada na Correia do Sul e no Japão.

O texto refere-se ao jogo como uma *catástrofe no Mineirão* e a coletiva dada pelo técnico Felipão após a partida como *ressaca da tragédia*; afirma que o treinador não admite que houve *um apagão por jogo, que jogadores choram* e que *ainda não tinham sido vistos prantos convulsivos.*

O jogador Neymar ficou fora da partida porque em jogo anterior teve uma vertebra fraturada. Sobre isso Veja diz que *desgraçadamente Neymar, atingido duramente nas*

costas pelo lateral Zúñiga, teve uma vértebra fraturada e ficou fora do resto da Copa; afirma que Neymar era um craque solitário e que o desfalque esfacelou a seleção. A forma como o texto foi construído os termos utilizados dão a entender a seleção brasileira resumia-se a um único jogador, Neymar – responsabilizado a erguer a taça do mundial antes mesmo da competição iniciar, como se os demais jogadores tivessem importância inferior.

A Revista Veja conclui a reportagem: Não será com a arrogância de quem não soube perder, frases prontas de autoajuda e choradeira sem fim que o futebol brasileiro poderá tentar a reconquista de uma hegemonia há muito perdida. É preciso seguir a direção traçada pelos alemães e não esquecer jamais o pesadelo da tenebrosa terça-feira. E antes de tudo admitir os erros, como fez Neymar na quinta-feira, com a coragem e a sinceridade que faltavam aos seus comandantes. “Fomos fracassados, sim”, ele reconheceu. “Nós nos sentimos humilhados. Humilhados e envergonhados”.

Fica claro que a culpa pela derrota é atribuída ao técnico do time e que o grande ídolo, construído pela própria mídia, é Neymar. Veja diz que é preciso ser como o craque, admitir os erros, e seguir a direção traçada pelos adversários, ou seja, fazer gols e não os sofrer.

3 Proposições finais

O investimento do trabalho de enunciação da Revista Veja sobre a derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, transformaram a informação praticamente em outro acontecimento. A ação desenvolvida pelo veículo, isto é, a midiaticização desenvolvida, configurou a informação em tragédia, como a revista mesmo trata.

Veja fez das seis páginas dedicadas ao assunto um palco de espetáculos para apresentar a derrota brasileira do mundial. A notícia foi espetacularizada, pois são diversos os apelativos utilizados para conquistar os leitores e convencê-los da vergonha em deixar cair uma taça tanto sonhada. O enquadramento das fotografias, a diagramação em tamanhos grandes e a disposição principalmente nas partes superiores das páginas foram elementos utilizados para atrair a atenção. O texto, carregado de adjetivos e taxações é outro apelativo utilizado pelo veículo.

A produção se anuncia como uma acumulação de espetáculos, mas isso não confere sensacionalismo propriamente dito, já que este explora a banalização da violência, da sexualidade e a ridicularização das pessoas humildes, etc.

O nível de espetacularização contido nas informações para persuasão dos leitores de *Veja* é acentuado e está longe da neutralidade, pois a reportagem apresenta, nas entrelinhas, a opinião do veículo.

A alienação desenvolvida por meio da teatralização, ou espetacularização, do acontecimento tratado pela revista, em que foram utilizados elementos da arte dramática (como a repetição constante de imagens e informações para a captura da atenção pelo arrebatamento de sentidos) pode ser justificada por pilares econômicos. A produção de espetáculos de *Veja* tem raízes fixadas na economia já que, como critério empresarial, a revista precisa ser a maior do país, a mais lida e a melhor. Isso se resume em rentabilidade e expansão econômica.

Debord já dizia que a expansão econômica é a expansão da produção industrial, neste caso das notícias, e que o espetáculo pode ser entendido como parte integrante da sociedade capitalista porque disputa a atenção do público em meio à concorrência de informações de outros veículos e informações que circulam na sociedade.

REFERÊNCIAS

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Salvador. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, José Cristian. 2012. **Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo**. In: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 11, n. 22. p. 291-310.

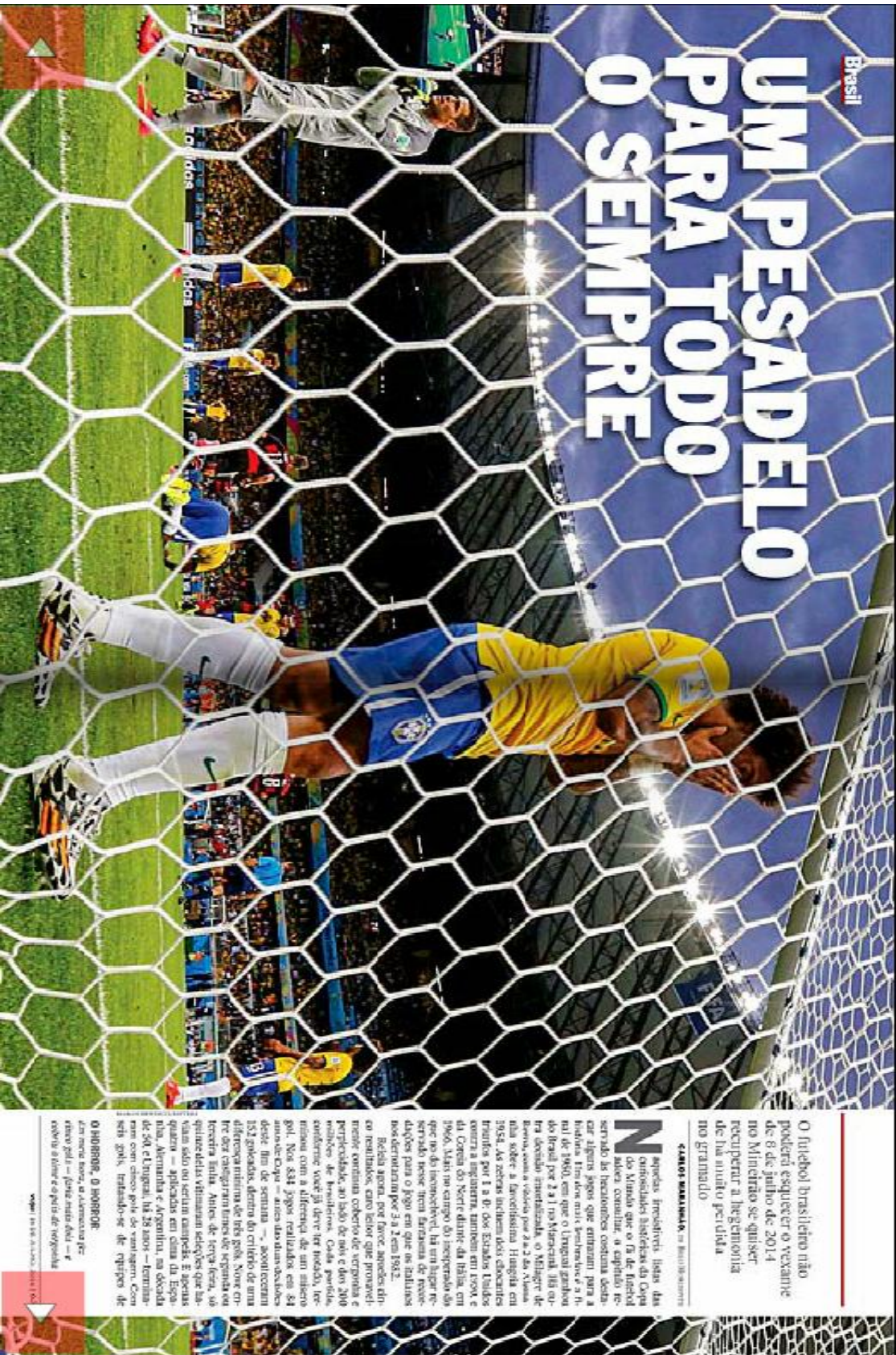
KLEIN, Otavio José. **A notícia em rede: processos e práticas e produção da notícia em rede regional de televisão**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

MOREIRA, Deodoro. **11 de setembro de 2001: Construção de uma Catástrofe nas Primeiras Páginas de Jornais Impressos**. [2004?]. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/moreira-deodoro-11-setembro.html> > Acesso: jun. 2014.

SOUSA, Diógenes Lycarion Barreto de. **O uso do ciberespaço pela sociedade civil e a hipótese de superação da teatralização de assuntos políticos**. In: I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política. Documento disponível em: < http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Sousa_2006.pdf > Acesso: jun. 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto, 2001.

ANEXOS



Brasil UM PESADELO PARA TODO O SEMPRE

O futebol brasileiro não poderá esquecer o vexame de 8 de julho de 2014 no Mineirão se quiser recuperar a hegemonia de há muito perdida no gramado

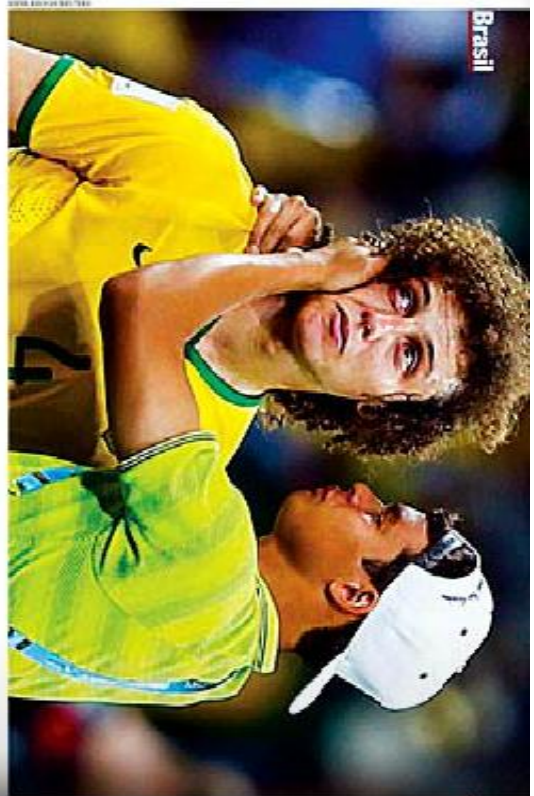
CLAUDE MARTELLO - Esporte

Napenas furdosforis, línguas das orfãs, palavras baratas do Copo do Mundo que o D. de futebol não consilium, a apito ressurto, as heronomas costam deitar alguns jogos que entranam para a história. Em 8 de julho de 2014, no Mineirão, foi o jogo do Brasil por 2 a 1 no Mineirão, foi o jogo decisivo para a classificação do Brasil para a Copa do Mundo de 2014. Mas, ao mesmo tempo, foi o jogo que marcou o fim de uma era de domínio brasileiro no futebol mundial. O jogo foi perdido por 2 a 1 para o Chile, o que não é insuperável, mas em qualquer jogo há sempre um vencedor e um derrotado. E o Brasil foi derrotado por 2 a 1 em 1962.

Relembra agora, por favor, aqueles dias de resultados, caro leitor que provavelmente costuma cobrir de vergonha e perplexidade, ao lado de nós e dos 200 milhões de brasileiros. Cada partida, condizente com a diferença de um milésimo gol. Nos 834 jogos realizados em 84 anos de Copa — antes das duas décadas desde o fim de semana —, assim ocorreu 153 gols, dentro do critério de uma diferença mínima de três gols. Não é preciso dizer que a diferença de um milésimo gol, antes de ser considerada uma diferença mínima de três gols, é agora quatro — aplicada em cima da Espanha, Alemanha e Argentina, na década de 50, e a Inglaterra, há 28 anos — terminaram com cinco gols de vantagem. Com seis gols, tentando-se de repente de

O HONORRE: O HONORRE.
 Em nome nosso, a administração do futebol — gente maliciada — e a mídia — a elite e a elite da imprensa

Veja: 1980, 1984, 1988, 1992, 1996, 2000, 2004, 2008, 2012, 2016, 2020, 2024, 2028, 2032, 2036, 2040, 2044, 2048, 2052, 2056, 2060, 2064, 2068, 2072, 2076, 2080, 2084, 2088, 2092, 2096, 2100, 2104, 2108, 2112, 2116, 2120, 2124, 2128, 2132, 2136, 2140, 2144, 2148, 2152, 2156, 2160, 2164, 2168, 2172, 2176, 2180, 2184, 2188, 2192, 2196, 2200, 2204, 2208, 2212, 2216, 2220, 2224, 2228, 2232, 2236, 2240, 2244, 2248, 2252, 2256, 2260, 2264, 2268, 2272, 2276, 2280, 2284, 2288, 2292, 2296, 2300, 2304, 2308, 2312, 2316, 2320, 2324, 2328, 2332, 2336, 2340, 2344, 2348, 2352, 2356, 2360, 2364, 2368, 2372, 2376, 2380, 2384, 2388, 2392, 2396, 2400, 2404, 2408, 2412, 2416, 2420, 2424, 2428, 2432, 2436, 2440, 2444, 2448, 2452, 2456, 2460, 2464, 2468, 2472, 2476, 2480, 2484, 2488, 2492, 2496, 2500, 2504, 2508, 2512, 2516, 2520, 2524, 2528, 2532, 2536, 2540, 2544, 2548, 2552, 2556, 2560, 2564, 2568, 2572, 2576, 2580, 2584, 2588, 2592, 2596, 2600, 2604, 2608, 2612, 2616, 2620, 2624, 2628, 2632, 2636, 2640, 2644, 2648, 2652, 2656, 2660, 2664, 2668, 2672, 2676, 2680, 2684, 2688, 2692, 2696, 2700, 2704, 2708, 2712, 2716, 2720, 2724, 2728, 2732, 2736, 2740, 2744, 2748, 2752, 2756, 2760, 2764, 2768, 2772, 2776, 2780, 2784, 2788, 2792, 2796, 2800, 2804, 2808, 2812, 2816, 2820, 2824, 2828, 2832, 2836, 2840, 2844, 2848, 2852, 2856, 2860, 2864, 2868, 2872, 2876, 2880, 2884, 2888, 2892, 2896, 2900, 2904, 2908, 2912, 2916, 2920, 2924, 2928, 2932, 2936, 2940, 2944, 2948, 2952, 2956, 2960, 2964, 2968, 2972, 2976, 2980, 2984, 2988, 2992, 2996, 3000



ACORDA NÃO ADRIANA CHORRÃO
 Com a mãe e Angélica, David Luiz e Thiago Silva tentam se lembrar

portia, nunca se havia visto neste mundo — até o 8 de julho de 2014.

Esse episódio rememora da uma primeira ideia de que significava, em termos históricos, a chegada da seleção brasileira ao jogo de futebol em 7 e 1 no Maracanã, em Belo Horizonte. Os sete gols que os alemães marcaram a seu bel-prazer estão sendo atribuídos a um jogador sobrenome dos samurais, Palamansa e respectivo dele nos parâmetros finais. Aberta a portaria depois do gol de Thomas Müller — valdo da cobertura de um escanteio, com quarenta e sete minutos de jogo, ou seja, se encontravam nove jogadores do Brasil — operacionando, com estranheza que ocorria no próprio quarto. Descobriu-se que tinham, veloz segundo, marcado por Alexander Kling, que substituiu a Alemanha em campo. Certo, o jogador não passou o nome finalizado antes de quinze, como o maior símbolo dos Mundials. O nome correto da final foi conhecido em 2 de julho, com a transmissão de um minuto. São Os Mundials terminou, a Alemanha marcou, 5 a 0. Quanto gols em



seus minutos. Desde 1998 o Brasil não tomava cinco gols em uma Copa América. Têmido os em menos de meia hora.

Em retrospectiva, entender a que se assesta. Em estado de choque, como os jogadores, vários socorridos saíram dos seus lugares e foram respirar o ar fresco da tarde amena do inverno místico ou ficaram andando aborridos de 10 para os seus corredores de estádio. Alguns resolveram ir em busca. Outros chegaram nas arquibancadas, elas que, pensavam, seria de um dos estádios que deixariam de ser apenas um local de entretenimento para ser um campo. O que a TV mostrava mais tarde seriam cenas pitorescas, gravadas do Rio Grande do Sul ao Amazonas, de pessoas com praticamente as mesmas reações de entusiasmo, que de tão felizes tinham começado a chorar e a cantar. Na Copa, a maior derrota permanece fresca na memória: os 3 a 0 na final contra a França, em 1998. Em muitos jogos cinco gols em um intervalo de quinze minutos. A sucessão de desfeitos não aconteceu somente com o jogador Neymar, que não é uma pedreira dos Mundials, o Brasil tomou-se o primeiro e o recordista da história.

ESTADO DE CHOQUE Normalizado na atualidade, o episódio é recordado da história.

7 a 1. Zico Fregoso, foi o primeiro a marcar o gol pela Seleção

7 a 1. Zico Fregoso, foi o primeiro a marcar o gol pela Seleção

